

## Hora de balanço internacional

Com a aproximação do fim do ano, é hora dos balanços.

Um dos mais oportunos refere-se à política externa.

O Brasil voltou a dar, em 1981, mais uma prova da sua crescente maturidade política internacional.

Outrora, os ministros das Relações Exteriores costumavam ficar em casa, postos em sossego, comunicando-se com os seus colegas através de embaixadores que recebiam as notas pela mala diplomática. Até que o mundo começou a encolher graças ao DDI, ao telex e, "last but not the least", o avião a jato. Os próprios presidentes passaram a trafegar intensamente, coisa raríssima no passado recente.

Também o presidente João Figueiredo e o ministro Saraiva Guerreiro demonstraram ter entendido o sentido desta diplomacia itinerante. Quase toda a América do Sul foi visitada pelo Presidente do Brasil, em geral precedido pelo seu Ministro do Exterior. Este tem ido mais longe, em quilometragem aérea, acima e abaixo até remotas paragens. Uma façanha, sem dúvida.

Quais os resultados?

Eles podem ser muito bem resumidos pelo comportamento brasileiro na conferência de Cancún, quando se viu a ausência de algumas potências e a indiferença da maior delas para programas globais. E também pelas advertências brasileiras contra o esvaziamento da ONU, já denunciada desde Araújo Castro, que previa sua redução a mero fórum de debates académicos sobre poluição, direitos ao fundo do mar, etc, etc...

Em ambos os casos, o ministro Saraiva Guerreiro saiu-se bem, com sua calculada mansidão de diplomata curtido e experimentado.

As bandeiras pioneiras prosseguiram vendo-se retomadas.

O relacionamento brasileiro diversifica-se. Em breve, comerciaremos mais com a América Latina que com os Estados Unidos. O que não deve representar surpresa. Kissinger reconhecia, há pouco em Brasília, que em 1963 os Estados Unidos dispunham de mais da metade da renda mundial. Hoje, menos de um terço, significando que outros países também acabaram crescendo, em vez dos Estados Unidos simplesmente caírem. Mas de qualquer modo viabilizando, enfim, o início do policentrismo em escala mundial, no qual o Brasil vem assumindo o seu lugar.

Sejamos, porém, prudentes.

A Argentina era a sexta economia mundial pouco antes de 1930. O próprio Brasil chegou a ter a terceira ou quarta esquadra de combate no mundo. É muito mais fácil descer, do que subir...

Só estamos conseguindo gerar, inclusive modestamente apesar da sua escala crescente, tecnologia militar que, por definição, costuma ser de ponta. Nada mais.

Não existe o tripé universidade-empresa-governo, uma das principais fontes da força dos países capitalistas. Muito pelo contrário, as três dimensões andam cada vez mais distantes entre si, cada qual fazendo ou desfazendo por sua conta e risco.

Tarda a ser utilizada, comercialmente para fins pacíficos, a tecnologia de ponta, que já contribui muito ao fornecer, no ano corrente, quase uns dois bilhões de dólares ao nosso balanço de pagamentos.

Também se tem recusado voltar ao velho hábito dos acordos militares, eliminando-se ou diminuindo-se grandemente a dependência política oriunda da necessidade de importar equipamentos militares.

De qualquer modo, o crescente fortalecimento político brasileiro deve continuar tendo muito cuidado para não ferir as antigas suscetibilidades dos vizinhos. A influência brasileira precisa distinguir-se da hegemonia, mesmo subcontinental. Nosso peso necessita exercer-se por força de gravidade, por consequência da nossa massa crítica demográfica, econômica, mais adiante científica e tecnológica. O resto virá por acréscimo, como diz o Evangelho...

Nisto, aliás, ninguém tem nada a ensinar ao Itamarati. Desde o tempo do Visconde do Rio Branco, pai do Barão, ou até antes, quando dos tempos dos portugueses, que o Brasil manobra com prudência e eficiência no Prata. Que o diga recentemente Itaipu.

Há crescentes sinais de desentendimentos dos cubanos com os angolanos, uma proteção que principia a sufocar. Nada temos a intrigar ali, apenas confirmarmos sempre nossa presença, embora seja muito difícil a articulação, quanto mais a integração, entre economias em estaglos tão diversos. Até na América Latina a integração vem se demonstrando problemática, apesar da perspectiva oferecida por uma potencial articulação de São Paulo e Buenos Aires num eixo que terminaria fazendo girar, em torno dele, todo o subcontinente.

Estas coisas vêm naturalmente.